



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Possibilidade de mudança da meta de inflação põe mercado em alerta

- A discussão sobre o nível da taxa de juros no país e as metas de inflação devem continuar no centro do debate.** Hoje à noite, o presidente do BCB, Roberto Campos Neto, será entrevistado no programa Roda Viva da TV Cultura e deve defender a atual política monetária da instituição, diante das críticas que tem sofrido. A entrevista deve ser acompanhada com bastante atenção e pode trazer repercussões para o mercado ao longo da semana. Ainda hoje, no evento de 43 anos do PT, está previsto um discurso do presidente Lula, no encerramento do encontro, com possibilidade de novas menções (críticas) ao nível da taxa de juro.
- Ainda neste tema, na quinta (16) ocorre a 1ª reunião do Conselho Monetário Nacional (CMN) sob o governo Lula, que pode trazer alterações nas metas de inflação já definidas para este e os próximos anos.** Usualmente, a meta de inflação é discutida na reunião do CMN de junho, quando é fixada 3 anos à frente. Até o momento, a meta de 2023 é de 3,25%, enquanto a de 2024 e de 2025 é de 3,0%, com margem de tolerância de 1,5 pp para cima ou para baixo. Contudo, a discussão política sobre o tema, sugerindo que tais metas são muito ambiciosas tem criado ruído no mercado, além de contribuir para o processo de desancoragem das expectativas de longo prazo. Com isso, as sinalizações são de que o próprio BCB teria interesse em elevar as metas (de 2023 a 2025), possivelmente para 3,5%, para encerrar o assunto e reduzir a incerteza decorrente de tal tema. De toda forma, mesmo que as metas sejam elevadas, isso não garante que o BCB já começará a reduzir a Selic em uma de suas próximas reuniões. Vale notar que o boletim Focus divulgado agora há pouco mostrou que as expectativas de inflação continuam em alta, tendo atingido 4,0% para 2024, já bem acima da atual meta (3,0%). Ainda, na mesma direção, a expectativa para a taxa Selic também seguiu em alta, ficando em 12,75% aa para este ano (ante 12,50% aa) e em 10,0% aa para 2024 (ante 9,75% aa).
- Entre os indicadores, destaque para as *proxies* mensais do PIB, que devem trazer números positivos em dezembro, mas com perda de fôlego no 4T22.** O Banco Central divulga o índice IBC-Br de atividade na quarta (15), que deve mostrar ligeira alta em dezembro (+0,1%), impulsionado pelo bom desempenho do setor de serviços no mês. O resultado interrompe uma sequência de duas quedas seguidas, mas não deve impedir a retração (-1,1%) do indicador no 4º trimestre. Na mesma direção, o Monitor do PIB da FGV, que será conhecido na quinta (16), também deve sinalizar acomodação da atividade no trimestre. Em relação à inflação, a FGV divulga o IGP-10 de fevereiro na quarta (15), cuja expectativa é de queda de 0,07%, com deflação no atacado.
- Na agenda corporativa, a semana traz as últimas divulgações dos resultados do setor bancário no 4T22.** O mercado seguirá avaliando os impactos dos gastos com PDD sobre os resultados das instituições, que têm ganhado atenção com o aumento da inadimplência e com o caso das Lojas Americanas. Agora há pouco, o BTG divulgou seu resultado, apresentando lucro de R\$ 1,8 bi no trimestre (queda de 20,3% no tri). Hoje após o fechamento do mercado, é a vez do Banco do Brasil divulgar seus números, com expectativa de lucro de R\$ 8,2 bi no 4º tri, praticamente estável no trimestre (-2,2%). A semana ainda traz os resultados do BMG e do Nubank na terça (14), do Banrisul na quarta (15), e de outras empresas do setor financeiro, como a XP na quinta (16).

Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 4T22 e 2022

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 4T22 Em R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual	Estimativa de Lucro Líquido em 2022	Var. % no Ano
BTG Pactual	13/fev	2.152	-6,5%	20,8%	8.691	33,9%
Banco do Brasil	13/fev	8.173	-2,2%	37,8%	30.949	47,2%
BMG	14/fev	-			-	
Nubank	14/fev	-			-	
Banrisul	15/fev	228	216,6%	-11,7%	692	-30,2%

Fonte: RI dos bancos. Projeção: Bloomberg.



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

No cenário internacional, os agentes estarão atentos aos dados de inflação dos EUA, que podem indicar se o processo de aperto monetário está chegando ao fim ou se o Fed terá que subir os juros além do esperado até o momento. Na terça (14) será conhecida a inflação ao consumidor (CPI) de janeiro, cujo consenso é de alta de 0,5% no mês, mantendo o indicador em tendência de acomodação no acumulado em 12 meses, em 6,2% (ante 6,5% em dez/22). Além do índice cheio, os agentes acompanharão a inflação de serviços, que ainda não deu sinais de arrefecimento, em razão do mercado de trabalho aquecido. Ainda no âmbito da inflação, será conhecida na quinta (16) a inflação ao produtor (PPI).

Nos EUA, também serão conhecidos indicadores de atividade ao longo da semana. Na quarta-feira (15), serão publicados os dados de vendas no varejo e produção industrial de janeiro, que devem mostrar alguma recuperação após as intensas quedas de dezembro. Já os indicadores do setor imobiliário devem mostrar que o segmento segue em retração. Na Zona do Euro também serão divulgados dados de atividade do bloco, como a 2ª leitura do PIB do 4T22 e a produção industrial de dez/22.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com a respectiva data de divulgação e a projeção do mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
15/fev	FGV: IGP-10	Fev/23	-0,07% m/m 2,19% a/a	0,05% m/m 4,27% a/a
15/fev	FGV: Monitor do PIB	Dez/22	-	0,1% m/m 2,0% a/a
16/fev	BCB: Índice IBC-Br de Atividade	Dez/22	0,10% m/m 1,40% a/a	-0,55% m/m 1,65% a/a
16/fev	Reunião do CMN	-	-	-

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
14/fev	Zona do Euro	PIB	4º tri/23 – 2ª leitura	0,1% t/t-1	0,3% t/t-1
14/fev	EUA	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jan/23	0,5% m/m 6,2% a/a	-0,1% m/m 6,5% a/a
15/fev	Zona do Euro	Produção Industrial	Dez/22	-0,8% m/m	1,0% m/m
15/fev	EUA	Vendas no Varejo	Jan/23	1,9% m/m	-1,1% m/m
15/fev	EUA	Produção Industrial	Jan/23	0,5% m/m	-0,7% m/m
16/fev	EUA	Inflação ao Produtor (PPI)	Jan/23	0,4% m/m 5,4% a/a	-0,5% m/m 6,2% a/a
16/fev	EUA	Construção de Casas Novas	Jan/23	-2,1% m/m	-1,4% m/m
16/fev	EUA	Alvarás para novas construções	Jan/23	1,0% m/m	-1,0% m/m

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Copom mantém cautela com inflação, mas reconhece medidas do governo

A ata da última reunião do Copom explorou de forma bastante extensa uma série de tópicos, buscando explicar seu racional na condução da política monetária, diante das críticas que o BCB tem sofrido por manter a taxa Selic em 13,75% aa.

A ata externou novamente preocupação com a desancoragem das expectativas de inflação, especialmente nos horizontes mais longos. Para isso, atribui três possibilidades como causa: i) percepção de leniência do BCB no combate à inflação; ii) política fiscal expansionista; iii) possibilidade de mudança das metas de inflação. No caso da política fiscal, o documento buscou contemporizar, ao afirmar que a execução do recente pacote anunciado pelo governo pode atenuar seu impacto inflacionário. Já em relação aos demais pontos, reafirmou seu compromisso em atingir as metas estipuladas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN).

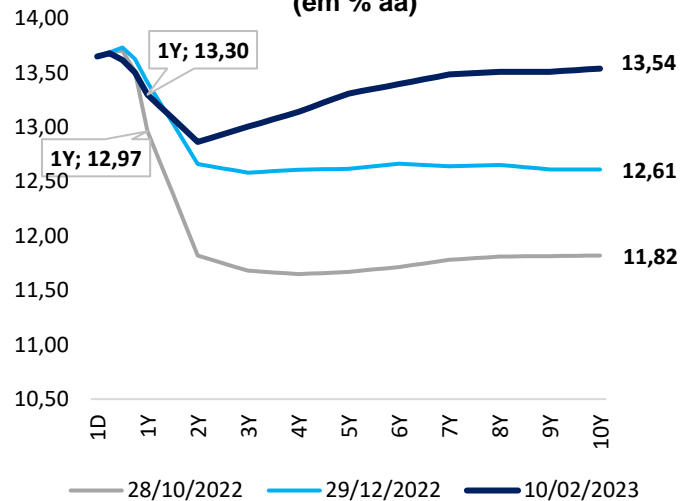
Outro ponto importante foi a menção sobre uma discussão entre os membros do colegiado de uma possível elevação do juro real neutro da economia, por ora, estimado em 4,0% aa. De toda forma, o Copom optou por manter tal estimativa, embora tenha sinalizado que fez algumas simulações de cenários alternativos, indicando que seriam mais relevantes a partir do 2º semestre de 2024. Ainda, se mostrou preocupado com a inflação de serviços, que embora tenha moderado, se mantém em nível incompatível com a meta.

De toda forma, a tendência é que a taxa Selic seja mantida no atual patamar por algum tempo até que o Copom tenha sucesso no processo de desinflação e reancoragem das expectativas. Vale citar que a aprovação de um novo arcabouço fiscal e o fim da incerteza sobre as metas de inflação ajudariam no trabalho do BCB.

O IPCA subiu 0,53% em janeiro, um pouco abaixo do esperado pelo mercado (+0,56%). O resultado deixou o indicador praticamente estável no acumulado em 12 meses, passando de 5,78% para 5,77%, mas com continuidade da tendência de desaceleração da média das medidas de núcleo, embora em nível ainda elevado (8,73%).

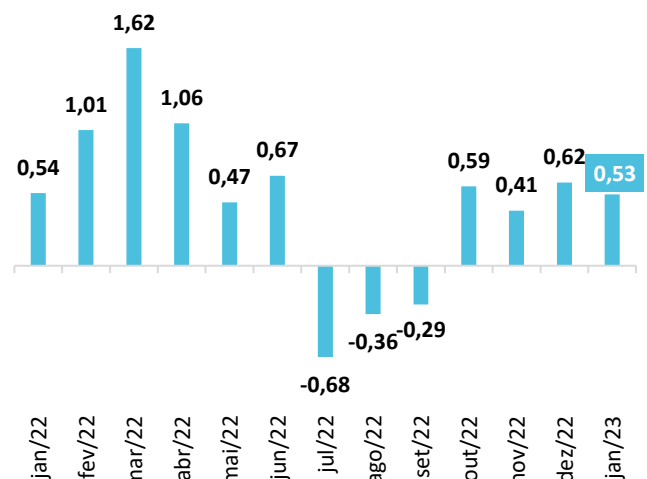
No mês, a maior pressão veio novamente dos alimentos (+0,59%), com alguns itens *in natura* impactados pelas fortes chuvas em regiões produtoras. A alta também refletiu os reajustes típicos no início do ano, como do IPVA (+1,60%), TV por assinatura (+11,78%), gás encanado (+4,10%) e taxa de água e esgoto (+1,44%).

Quadro 1: Curva de Juros – Futuro do DI (em % aa)



Fonte: Bloomberg

Quadro 2: IPCA – Var.% mensal



Fonte: IBGE

Os combustíveis (+0,68%) também subiram, especialmente a gasolina (+0,83%), embora o reajuste de 7,4% do item nas refinarias deva ficar mais evidente em fevereiro. Na outra ponta, o grupo vestuário apresentou variação negativa (-0,27%), após 23 meses seguidos em alta, em razão das promoções de início de ano, assim como os itens de higiene pessoal (-1,26%).

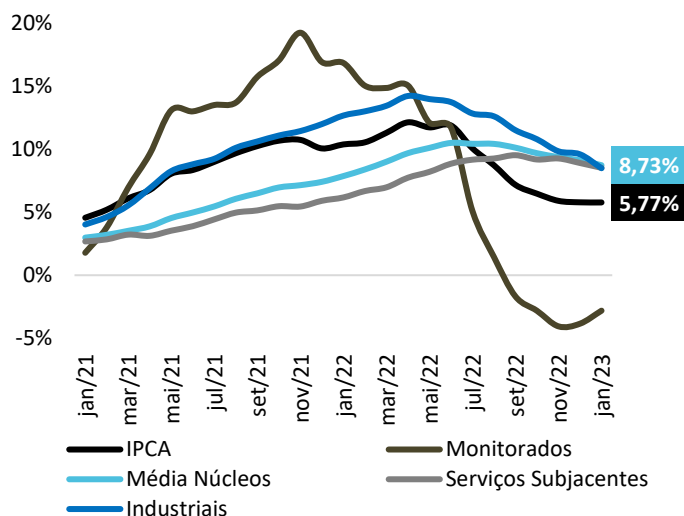
Para fevereiro, além do aumento já anunciado da gasolina, a inflação deve ser pressionada pelos reajustes das mensalidades escolares, típicos para o mês. Em março, é esperado que haja a reoneração dos combustíveis (gasolina e etanol). Ainda assim, dada a elevada base de comparação do ano passado (início da guerra) e a expectativa de arrefecimento de alguns grupos (industriais, por ex.), a perspectiva é de que a inflação siga arrefecendo, como sugeriu o IGP-DI de janeiro, que mostrou nova queda dos preços no atacado (-0,19%).

No âmbito da atividade, os indicadores setoriais apresentaram comportamento heterogêneo em dezembro, com forte alta nos serviços, mas fraca performance do varejo. Em conjunto, os números sugerem um desempenho próximo a estabilidade do PIB no 4º trimestre de 2022. Ainda assim, suficiente para garantir uma expansão de 3,0% em 2022.

As vendas no varejo ampliado (inclui veículos e materiais de construção) cresceram apenas 0,4% em dezembro, abaixo do esperado pelo mercado (+0,8%). O mês apresentou uma predominância de resultados negativos, com 7 das 10 atividades analisadas mostrando retração, diante da inflação ainda elevada e condições financeiras mais restritivas (encarecimento do crédito). Vale notar que nem mesmo as compras de Natal conseguiram impulsionar o desempenho de setores tipicamente favorecidos, como de vestuário, que registrou a maior queda no mês (-6,1%). Também houve retração nas vendas dos supermercados (-0,8%), de combustíveis (-1,6%) e de outros artigos (-2,9%). Apenas veículos (+2,4%) e materiais de construção (+1,3%) avançaram. Apesar do resultado, o varejo (ampliado) cresceu 0,9% no 4º tri, após dois trimestres seguidos de queda. No ano, o setor recuou 0,6%.

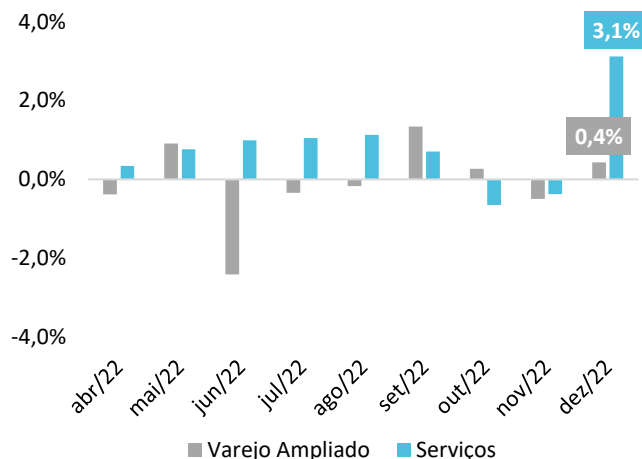
Na outra ponta, o setor de serviços surpreendeu ao avançar 3,1% em dezembro, fechando o ano com alta de 8,3% beneficiado pela retomada das atividades presenciais. No mês, o bom desempenho foi impulsionado pelo período de férias, com maior consumo em bares e restaurantes e alojamento, beneficiando os serviços prestados às famílias (+2,4%) e os transportes (+2,5%). Este, por sinal, foi o principal responsável pela expansão do setor no ano (+13,3%), tanto em função da expansão do transporte de carga como de passageiros. Com o resultado, o setor de serviços cresceu 1,0% no 4º tri.

Quadro 3: IPCA e Medidas de Núcleos
Var. % Acum. em 12 meses



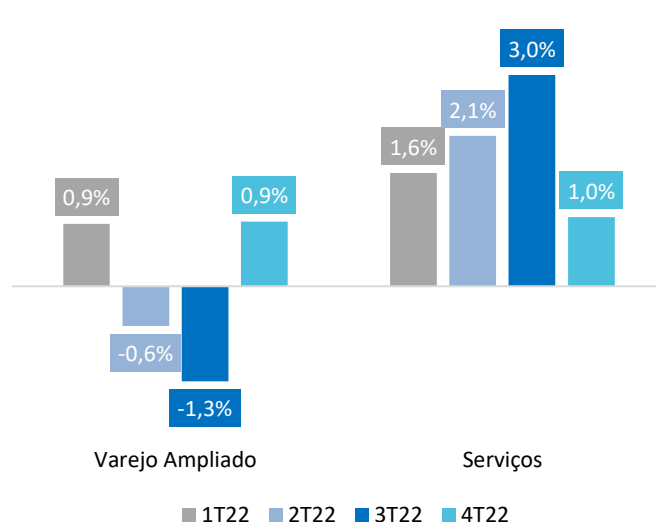
Fonte: IBGE e BCB.

Quadro 4: Varejo Ampliado e Serviços
Var. % mensal



Fonte: IBGE

Quadro 5: Varejo Ampliado e Serviços
Var. % trimestral



Fonte: IBGE

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Mercado segue ponderando os próximos passos do Fed; dirigentes reforçaram postura mais dura

No cenário internacional, diante da ausência de divulgação de indicadores de maior impacto para os mercados, os agentes permaneceram atentos aos discursos dos dirigentes do Fed, que reiteraram uma postura firme de combate à inflação. Desta forma, os rendimentos das *Treasuries* subiram, enquanto as principais bolsas norte-americanas caíram no período.

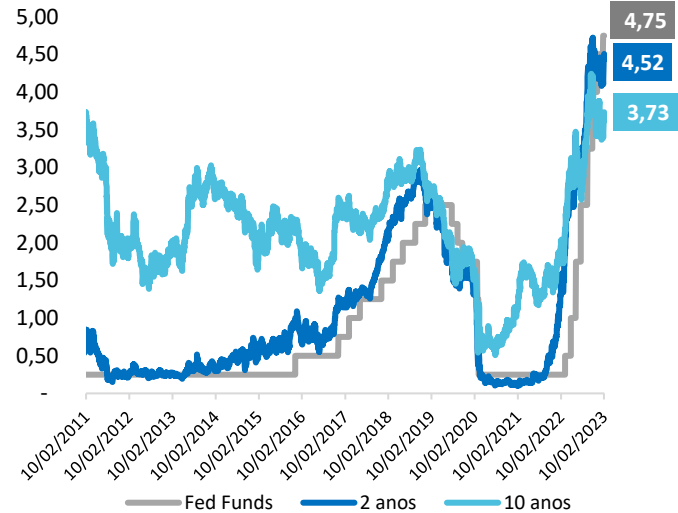
Os agentes ponderaram as falas dos dirigentes do Fed e seguem atentos ao ambiente econômico, especialmente ao desempenho da atividade e da inflação nos EUA. Por um lado, alguns segmentos da economia dão sinais de perda de fôlego, por outro lado, o mercado de trabalho segue bastante resiliente, assim como a inflação de serviços. Embora o ambiente ainda seja bastante incerto, a maior parte do mercado acredita que o Fed deve elevar mais duas vezes (em 0,25 pp) sua taxa de juro, para o intervalo entre 5,0% a 5,25% aa nas reuniões de março e maio (Quadro 7). Contudo, já há apostas de queda dos juros no fim do ano, o que parece precipitado, dado o processo ainda bastante incipiente de desinflação. Uma provável frustração com tal cenário pode trazer maior volatilidade aos mercados.

Quanto aos indicadores, a prévia de fevereiro da confiança dos consumidores norte-americanos (Univ. Michigan) atingiu 66,4 pts (ante 64,9 pts), com alta pelo terceiro mês seguido, diante dos sinais de moderação da inflação. Outro destaque foi a divulgação dos estoques no atacado, que aumentaram apenas 0,1% em dezembro, desacelerando ante novembro (+0,9%), sugerindo que as empresas estão reduzindo seu apetite por novos pedidos, tendo em vista a queda da demanda.

Na China, foram divulgados os dados de inflação referentes ao mês de janeiro, que mostraram um cenário confortável. A inflação ao consumidor (CPI) subiu para 2,1% (ante 1,8%) no acumulado em 12 meses, enquanto os preços ao produtor (PPI) seguiram em deflação (-0,8%) no mesmo comparativo.

Por fim, na Zona do Euro, as vendas no varejo recuaram 2,7% em dezembro, o maior recuo desde abr/21. A leitura indica que os gastos dos consumidores seguem pressionados, dado que as famílias ainda enfrentam uma inflação bastante alta na região.

Quadro 6: Fed Funds Rate e Taxas de Juros das Treasuries de 2 a 10 anos – Em % aa



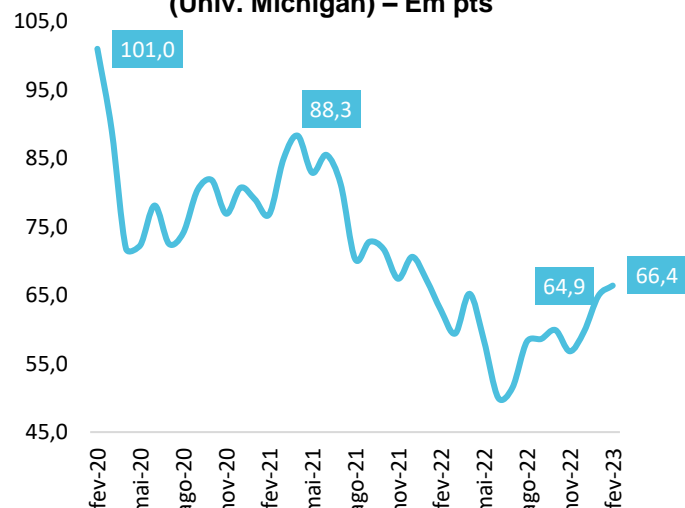
Fonte: Bloomberg

Quadro 7: Probabilidades das decisões do Fed nas próximas reuniões (Taxas de Juros em % aa)

Data da Reunião	Intervalo dos Fed Funds						
	< 4,25%	4,25% a 4,50%	4,50% a 4,75%	4,75% a 5,00%	5,0% a 5,25%	5,25% a 5,50%	> 5,50%
22-mar-23	0,0%	0,0%	0,0%	93,7%	6,3%	0,0%	0,0%
3-mai-23	0,0%	0,0%	0,0%	20,9%	74,3%	4,9%	0,0%
14-jun-23	0,0%	0,0%	0,0%	11,2%	49,5%	37,0%	2,3%
26-jul-23	0,0%	0,0%	0,0%	10,1%	45,7%	38,3%	5,9%
20-set-23	0,0%	0,0%	1,6%	15,8%	44,5%	33,1%	5,0%
1-nov-23	0,0%	0,5%	5,7%	24,1%	41,2%	24,9%	3,6%
13-dez-23	1,3%	4,0%	18,0%	35,6%	30,3%	10,5%	1,2%

Fonte: CME Group.

Quadro 8: EUA – Confiança do Consumidor (Univ. Michigan) – Em pts



Fonte: Bloomberg.

Resultado Corporativo 2022 Itaú Unibanco

CRÉDITO / BANCOS

O Itaú Unibanco registrou lucro líquido recorrente de R\$ 7,7 bilhões no 4º trimestre, queda de 5,1% ante o trimestre anterior. O resultado veio um pouco abaixo das expectativas (R\$ 8,1 bi), explicado pelo fato de o banco já ter provisionado 100% de sua exposição nas Lojas Americanas, que elevou o custo do crédito em R\$ 1,3 bi. Desconsiderando tal evento, a IF teria reportado um lucro líquido de R\$ 8,4 bi no período. Neste sentido, o resultado do trimestre foi prejudicado, especialmente, pelo aumento das despesas com PDD (+19,7%), parcialmente compensadas pelo aumento da receita com seguros (+9,4%) e da margem com clientes (+3,6%).

No acumulado de 2022, o banco registrou lucro líquido de R\$ 30,8 bi, alta de 14,5% ante 2021 (R\$ 26,9 bi). O desempenho corresponde a um ROE de 20,4%, alta de 1,0 pp no ano. Neste comparativo, a melhora decorre do aumento da margem com clientes (+27,2%), em função do aumento do volume de crédito, e de maiores receitas com seguros (+25,5%). Outra contribuição positiva veio das receitas com prestação de serviços (+3,1%), liderada pelos ganhos com cartão de crédito, tanto com aquisição (+38,7%) como via emissão (+12,1%).

Por outro lado, pesou o aumento das despesas com PDD (+52,6%), em resposta ao aumento da originação dos produtos de crédito sem garantias, além do avanço da inadimplência. Já as despesas operacionais cresceram 6,7% no ano, puxadas pelos gastos com pessoal (+9,4%) e administrativos (+8,0%). De toda forma, o controle das despesas fez com que o índice de eficiência (quanto menor, melhor) recuasse de 44,0% para 41,2% no ano.

A carteira de crédito ampliada do banco cresceu 11,1% em 2022, totalizando R\$ 1,141 trilhão. A expansão foi liderada pelas operações destinadas às pessoas físicas (+20,3%), com forte crescimento das linhas de crédito pessoal (+28,5%), imobiliário (+23,8%) e cartão de crédito (+20,5%). A carteira destinada às pessoas jurídicas subiu em menor proporção (+7,0%), diante do desempenho mais fraco das grandes empresas (+3,7%), mas com boa performance da carteira destinada às micro, pequenas e médias empresas (+9,9%), o que elevou a participação das operações de crédito deste público para 54,4% (ante 52,9%) da carteira PJ. Já a inadimplência da carteira total (acima de 90 dias) fechou o ano em 2,9%, alta de 0,1 pp no trimestre e de 0,5 pp ante 2021. No ano, tal elevação decorreu da piora do segmento de pessoas físicas (+1,1 pp), enquanto o indicador das MPMEs (+0,1 pp) permaneceu controlado. Do lado positivo, houve queda da inadimplência na carteira das grandes empresas (-0,5 pp) e na América Latina (-0,3 pp).

Por fim, o Itaú divulgou seu *guidance* para 2023, onde projeta um crescimento entre 6,0% a 9,0% da carteira de crédito, enquanto o objetivo de expansão da margem com clientes está entre 13,5% a 16,5%. O custo do crédito, por sua vez, está projetado entre R\$ 36,5 bi a R\$ 40,5 bi em 2023, ante um custo de R\$ 32,3 bi em 2022.

Quadro 9: Resultado 2022 – Itaú Unibanco

Banco Itaú Unibanco - R\$ Mi	2021	2022	Var. % 12 m
ITENS PATRIMONIAIS			
Ativo Total	2.166.019	2.469.958	14,0%
TVM	706.306	834.553	18,2%
Depósitos	850.372	871.438	2,5%
Patrimônio Líquido	155.576	169.735	9,1%
DRE¹			
Margem Financeira Gerencial	78.146	92.561	18,4%
Margem com Clientes	70.467	89.641	27,2%
Margem com o Mercado	7.679	2.921	-62,0%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-21.623	-32.994	52,6%
Receitas de prestação de serviços	39.870	41.107	3,1%
Operações com Seg., Prev. e Cap.	5.963	7.484	25,5%
Despesas não Decorrentes de Juros	-51.186	-54.614	6,7%
IR/CSLL	-16.389	-13.684	-16,5%
Lucro/Prejuízo do período ²	26.879	30.786	14,5%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE¹			
ROAE	19,3%	20,4%	1,0 p.p.
ROAA	1,3%	1,3%	0,1 p.p.
Índice de eficiência	44,0%	41,2%	-2,8 p.p.
CRÉDITO			
Carteira de crédito ampliada ³	1.027.158	1.141.452	11,1%
PF	331.682	398.957	20,3%
PJ	282.588	302.307	7,0%
Estoque de provisão p/ liquid. Duvidosa	-44.147	-53.125	20,3%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	0,7%	0,9%	0,2 p.p.
Saldo de PDD/Carteira de crédito amp.	4,3%	4,7%	0,4 p.p.
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	2,5%	2,9%	0,5 p.p.
Índice de Basileia	14,7%	15,0%	0,3 p.p.
Índice de Cobertura > 90 dias	240,9%	211,8%	-29,2 p.p.

Fonte: Itaú RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Anualizado ²Lucro Líquido Ajustado Gerencial ³Inclui outras operações com risco de crédito (debêntures, CRI, commercial papers, etc.) e unidades da América Latina.

Resultado Corporativo 2022 Bradesco

CRÉDITO / BANCOS

O Bradesco apresentou lucro líquido recorrente de R\$ 1,6 bilhão no 4º trimestre de 2022, abaixo do esperado pelo mercado (R\$ 3,9 bi). Assim como os demais grandes bancos que já anunciaram seus resultados, o resultado do Bradesco também foi impactado pelo provisionamento (de 100%) de sua exposição nas Lojas Americanas, o que adicionou R\$ 4,9 bi em seu custo do crédito. Com isso, o lucro da IF caiu 69,5% no trimestre, tendo como principal fator de deterioração o aumento dos gastos com PDD, que mais que dobraram (+104,8%) no período. Mesmo retirando o impacto das Americanas, a PDD cresceu 23,0%, em função do aumento da inadimplência, especialmente na carteira destinada às famílias e MPMEs. Do lado positivo, destacaram-se os ganhos com o resultado de seguros (+24,0%) e as receitas de prestação de serviços (+4,5%).

No acumulado de 2022, o lucro líquido recorrente atingiu R\$ 20,7 bi, queda de 21,1% em relação ao ano anterior, prejudicado neste comparativo também pelo aumento (+114,8%) da PDD. Assim, a rentabilidade (ROAE) ficou em 13,1%, contra 18,1% em 2021. Quanto às receitas, a margem financeira cresceu 3,8% no ano, em função da melhora na margem com clientes (+22,0%), beneficiada pelo crescimento da carteira de crédito e um *mix* de produtos mais rentável. No entanto, tal melhora foi parcialmente compensada pelo resultado negativo (R\$ -1,4 bi) da margem com o mercado, impactado pela abertura da curva de juros, que reverteu os ganhos (R\$ 8,5 bi) de 2021. O resultado de seguros também contribuiu de forma relevante no ano (+28,9%). Quanto aos gastos, as despesas com pessoal subiram 9,4%, enquanto as despesas administrativas aumentaram 6,4%. Com isso, o índice de eficiência da IF registrou ligeira melhora, ao recuar de 46,0% para 45,1% em 2022.

A carteira de crédito ampliada cresceu 9,8% no ano, atingindo R\$ 891,9 bi em 2022. A expansão, assim como em seus pares, foi puxada pela carteira PF (+12,6%), em função do desempenho positivo das linhas mais arriscadas, como o cartão de crédito (+27,5%) e o crédito pessoal não consignado (+15,7%). Já a carteira PJ cresceu 7,9%, liderada pela expansão do crédito para grandes empresas (+9,7%). Por outro lado, houve uma alta mais contida (+4,6%) nas operações para MPMEs. O crescimento em linhas mais arriscadas impactou a taxa de inadimplência, que atingiu 4,3% da carteira total, alta de 1,5 pp em um ano, maior patamar desde mar/18 (4,4%). A piora foi liderada pela carteira destinada às MPME (+2,2 pp) e PF (+1,7 pp). Já os atrasos (entre 15 e 90 dias) atingiram 4,1% da carteira (ante 2,8% em 2021).

O banco também divulgou seu *guidance* para 2023, com previsão de crescimento da carteira de crédito entre 6,5% a 9,5%, abaixo do registrado em 2022. Já a expectativa para a margem com clientes é de alta de 8% a 12%. Ainda, diante do cenário macroeconômico desafiador, o Bradesco aguarda maiores gastos com PDD (entre R\$ 36,5 bi e R\$ 39,5 bi), onde o limite inferior da projeção já corresponde a uma alta de 33,2% ante o realizado em 2022 (R\$ 27,4 bi, desconsiderando o impacto pontual das Lojas Americanas).

Quadro 10: Resultado 2022 – Bradesco

Banco Bradesco - R\$ Mi	2021	2022	Var. % 12 m
ITENS PATRIMONIAIS			
Ativo Total	1.695.217	1.830.247	8,0%
TVM	725.981	763.292	5,1%
Depósitos	572.790	593.186	3,6%
Patrimônio Líquido	148.765	156.011	4,9%
DRE¹			
Margem Financeira	63.980	66.382	3,8%
Margem com Clientes	55.529	67.772	22,0%
Margem com Mercado	8.451	-1.390	-116,4%
Provisão p/ créditos de liquid. duvidosa	-15.035	-32.297	114,8%
Receitas de prestação de serviços	34.099	35.694	4,7%
Resultado das Operações de Seguros, Previdência e Capitalização	11.451	14.762	28,9%
Despesas de pessoal	-21.397	-23.405	9,4%
Despesas administrativas	-20.722	-22.055	6,4%
IR/CSLL	-13.478	-6.758	-49,9%
Lucro/Prejuízo do período ²	26.214	20.680	-21,1%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE¹			
ROAE	18,1%	13,1%	-5,0 p.p.
ROAA	1,6%	1,1%	-0,5 p.p.
Índice de eficiência	46,0%	45,1%	-0,9 p.p.
CRÉDITO			
Carteira de crédito ampliada ³	812.657	891.933	9,8%
PF	320.760	361.101	12,6%
PJ	491.897	530.831	7,9%
Estoque de provisão p/ liquid. duvidosa	42.350	51.704	22,1%
Despesa PDD/Carteira de crédito	0,5%	1,7%	1,1 p.p.
Saldo de PDD/Carteira de crédito	5,2%	5,8%	0,6 p.p.
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	2,8%	4,3%	1,5 p.p.
Índice de Basileia	15,8%	14,8%	-0,9 p.p.
Cobertura > 90 dias	260,9%	204,2%	-56,7 p.p.

Fonte: Bradesco RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Anualizado ²Lucro Líquido Ajustado Gerencial ³Inclui outras operações com risco de crédito: debêntures, FDIC, CRI, notas promissórias, ativos relacionados a atividades de aquisição e avais e fianças.

Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Jan/23

CRÉDITO / BANCOS

O Banco Central do Brasil (BCB) divulgou o relatório mensal da caderneta de poupança de janeiro, que registrou captação líquida negativa de R\$ 33,6 bilhões no mês, o pior resultado para um único mês desde o início da série histórica (1995), com dados já ajustados pelo IPCA, superando a marca anterior de R\$ -22,4 bi em agosto de 2022.

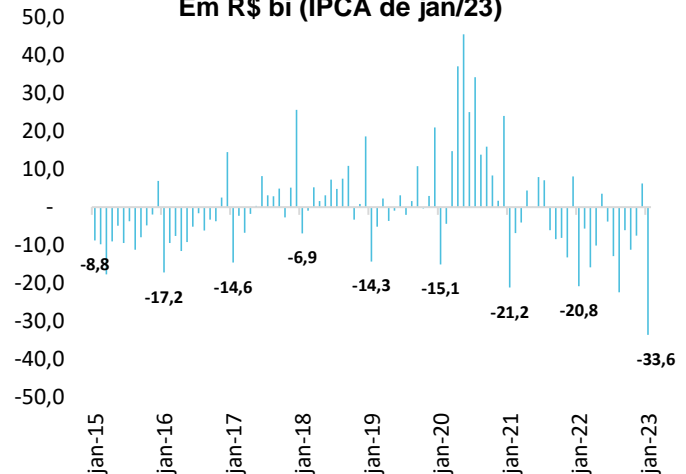
Em geral, é comum (sazonal) que a modalidade registre saída líquida de recursos no mês, devido às despesas extras de início de ano, como o IPVA, IPTU, matrículas escolares, entre outros. Além do aspecto sazonal, o cenário atual (inflação e juros elevados) contribuiu para ampliar tal efeito.

Com o resultado, o saldo de recursos da poupança ficou em R\$ 972,6 bi em janeiro (ou 9,9% do PIB) voltando a ficar abaixo da marca de R\$ 1,0 trilhão atingido em dezembro de 2022 (R\$ 1,004 tri; 10,2% do PIB). Com isso, a modalidade mantém sua trajetória de perda de recursos, após atingir seu pico em dezembro de 2020, quando o saldo real foi de R\$ 1,2 trilhão (ou 13,6% do PIB).

Em termos de rentabilidade real, apesar da recuperação recente, a modalidade segue apresentando um baixo retorno, de apenas 2,16% nos últimos 12 meses. Assim, além da situação financeira pouco confortável, em especial por parte das famílias de baixa renda, a migração de recursos entre as modalidades também parece ajudar a explicar o fraco desempenho da caderneta de poupança. Como comparação, os depósitos à prazo, cujo retorno é mais próximo ao desempenho da taxa Selic, apresentaram um crescimento real de 17,0% em janeiro (ante jan/22), atingindo um saldo de R\$ 2,1 trilhões no mês (cf. Quadro 13).

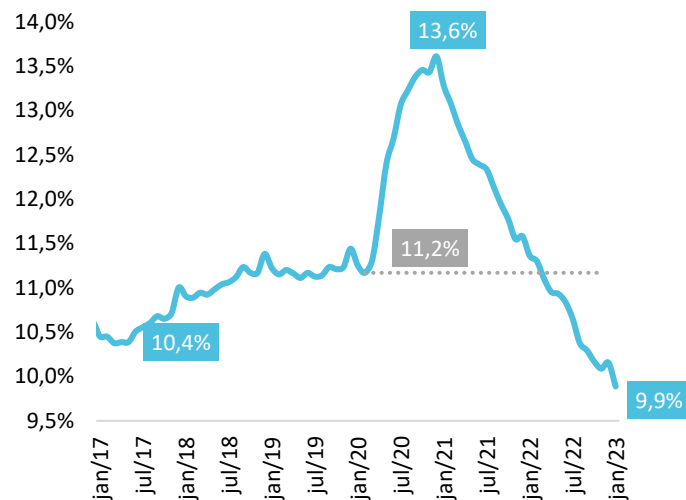
Dada a perspectiva de manutenção dos juros elevados ao longo do ano, a tendência é que a modalidade siga perdendo recursos, que tendem a migrar para opções mais atrativas. Importante observar se tal cenário pode levar a algum tipo de restrição para a expansão do crédito imobiliário.

Quadro 11: Captação Líquida da Caderneta de Poupança Em R\$ bi (IPCA de jan/23)



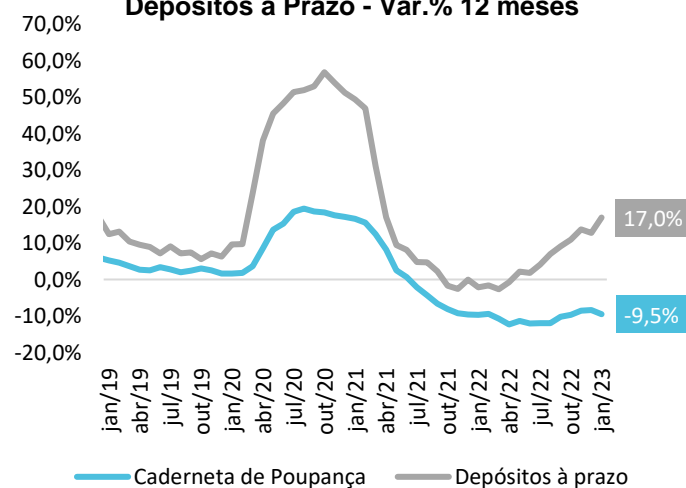
Fonte: Bacen.

Quadro 12: Saldo de Recursos na Caderneta de Poupança - Em % do PIB



Fonte: Bacen.

Quadro 13: Saldo Real da Caderneta de Poupança e Depósitos à Prazo - Var.% 12 meses



Fonte: Bacen.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2022				2023			
	10/02/23	03/02/23	13/01/23	Viés	10/02/23	03/02/23	13/01/23	Viés
IPCA (%)	5,79	5,78	5,39	▲	4,00	3,93	3,70	▲
PIB (% de crescimento)	0,76	0,79	0,77	▼	1,50	1,50	1,50	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	12,75	12,50	12,50	▲	10,00	9,75	9,25	▲
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,25	5,25	5,28	↔	5,30	5,30	5,30	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	10/02/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,21	3,37%	2,72%	-1,26%	-0,68%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	234,52	7,55%	1,42%	-7,69%	5,35%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,65	-0,01%	0,00%	-0,01%	25,47%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,39	-1,87%	-0,62%	-0,43%	9,02%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,26	2,10%	2,80%	4,91%	17,28%
Índice Ibovespa (em pontos)	108.078,27	-1,87%	-4,72%	-1,51%	-4,67%
IFNC (setor financeiro)	10.030,90	-2,15%	-3,58%	-2,17%	-4,15%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,75	0,00%	5,56%	5,56%	1800,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,52	5,33%	7,52%	2,06%	186,14%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,73	5,88%	6,42%	-3,69%	83,90%
Dollar Index	103,63	0,69%	1,50%	0,10%	8,45%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.090,46	-1,11%	0,34%	6,54%	-9,18%
Índice de ações de bancos – EUA	119,49	-2,15%	1,81%	4,73%	-9,96%
Índice Euro Stoxx 50	4.197,94	-1,41%	0,83%	10,66%	0,02%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	112,97	1,15%	1,66%	17,85%	-2,72%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	86,39	8,07%	2,25%	0,56%	-5,49%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira